

Folhetim

No Nada



Nossas vozes

Folhetim de psicanálise | Fórum do Campo Lacaniano - BH

EDITORIAL

O Folhetim NoNada nasce do desejo dos integrantes do Fórum do Campo Lacaniano de Belo Horizonte em criar um espaço onde ecoem as vozes de cada um de nós, membros do Fórum, participantes de formações clínicas, cartelizantes e convidado com intuito de fazer ressoar a psicanálise para além dos textos científicos. Assim, a edição Folhetim NoNada 01 abriu a chamada para que cada autor entrasse com seu desejo singular de escrita.

Trazemos nessa edição uma conversa entre imagens, poesias e textos atravessados pela psicanálise. Seu título faz jus à construção coletiva e ele se apresentou quando nos reunimos: NOSSAS VOZES.

Aqui, partilhamos nossa poética, o estilo de cada autor, seus momentos na vida e na formação, sempre continuada de cada um. Portanto formações que cantam múltiplas vozes no desejo de nos aproximarmos mais e de outros modos da psicanálise.

As apostas dos autores vão ao encontro do que Lacan nos ensina:

“A poesia é criação de um sujeito assumindo uma nova ordem de relação simbólica com o mundo”. E, que “a interpretação analítica deve ser poética”. Lacan, como já dizia Freud, reafirma que “os poetas precedem sempre os psicanalistas”. Afirmativas que podemos conferir nessa edição. O autor, poeta e psicanalista são funções interativas que se correspondem e se dialogam.

Agradecemos de coração a Gustavo Gontijo pelas imagens cedidas que coloriram as páginas que a publicação merecia. Fomos brindados, também, com o texto que nosso colega Pedro Moacyr trabalhou no Espaço Escola do FCL-BH: *Trabalho D’Escola: Lógica de Cartel, Ética da Psicanálise*. Não por acaso, este se encontra no final desta edição. Pedro Moacyr moebianamente fora e dentro do Fórum do Campo Lacaniano de Belo Horizonte se junta aos demais trabalhos testemunhando o momento de elaboração em sua formação.

**Convidamos você leitor para a leitura e escuta de NOSSAS VOZES –
linguagens diversas!**

Sandra Belchiolina de Castro
14 de maio de 2026

Comissão Folhetim NoNada:
Bárbara Guatimossim
Lauro Araújo
Roberta Paradivini
Sandra Belchiolina

ÍNDICE

A colagem como reprodução de sentidos -----	5
Advinha-----	6
Avesso -----	8
Com que fio? Notas sobre inscrição e ----- desamparo a partir de “A hora da estrela”	9
O amor em “vidas passadas-----	12
ela eu-----	15
O desejo da mãe e o nascimento do sujeito-----	16
Báu de memórias: vivências de um luto -----	18
A chave sem segredo-----	20
O Mito da Medusa na Psicanálise -----	21
Dos ditos à travessia -----	24
“Rompi tratados, traí os ritos. ----- Quebrei a lança, lancei no espaço.”	25
A verdade da mulher -----	29
As mulheres sem-tempo, ainda se escutam (?) -----	30
quase-morte de deus -----	34
Uma das saídas possíveis para psicose: suplência ou sinthoma -----	35
Trabalho d’escola: Lógica de Cartel, Ética da Psicanálise -----	37
SOBRE OS AUTORES -----	39



*Ser casa é abrigar o outro
até que ele descubra
o próprio caminho.*

- Gustavo Gontijo

A COLAGEM COMO REPRODUÇÃO DE SENTIDOS

Gustavo Gontijo

Meu trabalho de colagem nasce do encontro entre o acaso e a escuta. Eu recorto imagens como quem recolhe fragmentos de sonhos deixados pelo cotidiano: um gesto distraído na rua, uma frase atravessada no pensamento, a textura do tempo sobre as coisas, a estranheza silenciosa de uma cena comum. O que me interessa é justamente aquilo que, à primeira vista, passa despercebido.

A colagem me permite reorganizar o mundo. Ao aproximar imagens que originalmente não pertenciam umas às outras, revelo sentidos ocultos, tensões afetivas e perguntas que estavam adormecidas. Cada composição é uma tentativa de tornar visível o inconsciente que insiste em falar através de símbolos, cortes, repetições e deslocamentos. Recortar, para mim, também é interpretar.

Existe no meu processo uma relação profunda com a psicanálise: o entendimento de que somos feitos de camadas, memórias, faltas e desejos muitas vezes contraditórios. Por isso, minhas obras transitam entre delicadeza e conflito, beleza e ruína, humor e melancolia. O que aparece na superfície nunca é tudo. Sempre há algo por trás da imagem, algo que escapa, algo que pede para ser lido.

Também me inspiro no cotidiano porque acredito que a poesia vive no comum. Um corpo em movimento, uma planta que cresce entre rachaduras, um objeto esquecido, a arquitetura cansada da cidade — tudo pode se transformar em linguagem visual. Minhas colagens procuram resgatar esse espanto diante do simples e devolver ao olhar a capacidade de sentir.

Trabalho com recortes porque acredito na potência dos pedaços. Somos feitos de restos, lembranças, encontros e perdas. A colagem, então, se torna metáfora da própria existência: juntar o que foi separado, reinventar narrativas, criar beleza a partir da fragmentação.

Em cada obra, busco abrir frestas. Não ofereço respostas prontas, mas imagens que convidam à pausa, à interpretação e ao afeto. Meu trabalho é um diálogo entre o visível e o invisível, entre aquilo que o mundo mostra e aquilo que a alma sussurra.

ADVINHA

Giovana Guzzo Freire

O que é, o que é?
Diga lá, meu irmão...

Nasce do tropeço
atravessa a criação

O que é, o que é?
Resiste, retorna, repete
tudo vale para a elaboração

O que é, o que é?
Que a fala não alcança
que a pedra abre chão
não é resposta pronta

É resto.
É inscrição

O que é, o que é?
Impasse que não se desperdiça
gozo que se despedaça
sentido que se (des)encontra
sujeito – que tão só – se abraça

O que é, o que é?
Tropeço que desliza
angústia que não se desfaz
desejo que insiste
produção que se refaz
O que é, o que é?
É a escrita, meu irmão.
É a escrita, Gonzaguinha. Mas não só...

Como na canção, o enigma se faz música
A escrita se faz resto

Que beleza é ser uma eterna aprendiz
E não tem a vergonha de ser (in)feliz

Escrever, escrever e escrever...
É um resto que não se fecha

Que se inscreve na história
Que tropeça e insiste
Que repete e elabora

Isso não impede que a escrita
Seja produto singular
Seja falta em movimento

Palavra que demora
Testemunho que aflora.



*O outro não veio para nos completar,
mas para nos encontrar.*

- Gustavo Gontijo

AVESSO

Jacqueline Braga

Não esperava essa sombra da noite.
Eu te dava por vencida, guarnecida.
Sai! Que tu me embaralhas os ossos...
Quando te escrevo, te circunscrevo.

E tu ficas.
Ficas como se nunca tivesses ido,
porque sou eu.

Venha, minha desarmonia!
Venha, que te darei meu colo de
incertezas mármore.
Venha, que te deixo viver comigo.
Entranha-te em mim, porque não
mais desdenharei de ti.

Mostra-me teu rosto cálido
em tuas mãos sangrando.

Venha, e te concebo do meu
gozo mais longo.
Cala-te em mim o teu grito.

Dá-me tua carne esburacada de talho.
Venha, porque lhe darei poesias
e farei uma de ti.

Transcende-te em mim e não mais
rirei do teu desespero.
Dita os teus verbos fracos,
desconjugados.
Suga a minha alma infinita e
traga-a para o fim.
Deita em mim teu manto furado e fino,
para abrandar este frio de polo.

Venha e faça de mim,
inteiramente, o que sou.

Sem ti, sou morta,
despejo de concretude parda.
Sem lado e sem verso,
nem avesso.
Só um risco.

Povoa-me.

COM QUE FIO? NOTAS SOBRE INSCRIÇÃO E DESAMPARO A PARTIR DE “A HORA DA ESTRELA”

Peter Augusto da Silva

Comentário apresentado no Colóquio de Psicanálise, Cinema e Discurso – parceria entre o Centro de Extensão da Faculdade de Letras da UFMG e o Fórum do Campo Lacaniano de Belo Horizonte, com participação da Escola de Belas Artes da UFMG, em torno do filme A hora da estrela (1985), dirigido por Suzana Amaral, com Marcélia Cartaxo no papel de Macabéa, adaptação do romance homônimo de Clarice Lispector. Belo Horizonte, 27 de março de 2025.

Fazer parte desta mesa em torno de A hora da estrela é, antes de tudo, ocupar uma posição. Digo “em torno” porque talvez seja essa a posição mais justa diante desse filme: a de quem consente em bordejar pelos vários giros que sua história nos convida, vários giros até se formar uma elipse. Se tomamos a indicação de Freud de que o artista precede o analista, talvez nosso trabalho não se amarre em compreender Macabéa, mas em sustentar o que, nela, descompleta nossa compreensão. O que, no percurso de Macabéa, nos inquieta e põe em vacilo nossas categorias de sujeito e de desejo?

Macabéa fala. Mas de onde? Lacan nos orienta que o sujeito advém como efeito de significante, no campo do Outro. Entretanto, o que percebemos na trajetória da “datilógrafa errante” é uma inscrição que se faz – e se desfaz – no mesmo movimento. A fala não se refere apenas à ocupação de um espaço, mas a uma perspectiva particular e política da experiência. Nomear sofrimento social implica o manejo de uma semântica compartilhada. Há uma fala, mas que não retorna como reconhecimento. Não é que Macabéa não deseje, mas em que circuito esse desejo poderia se sustentar?

A imagem de uma trama pode nos orientar; tomo “trama” como entrelaçamento de fios. A narrativa se constrói como tecido irregular, feita de cortes e fragmentos que exigem de nós um trabalho de costura. No caso de Macabéa, não é que não haja tecido, é que ele se faz com fios tão tênues que, a cada ponto, algo ameaça se soltar. Há algo do desamparo de Macabéa que se reatualiza em cada um de nós, no ponto em que faz vacilar as tramas que mantêm o desamparo recoberto.

Ela trabalha com a letra, ainda que tropeçante; engaja-se em laços, ainda que desencontrados; orienta-se por restos de discurso – ecos do rádio, frases, promessas. Quantos fios bastam para que um sujeito se sustente? Por isso insisto, a questão não é a ausência de desejo, mas o modo como as amarrações que poderiam dar a esse desejo uma borda são atadas.

Macabéa nos confronta com a ausência de garantias. Isso nos implica em reconhecer que aquilo que nos mantém – nome, história, lugar – não está assegurado de uma vez por todas. O desamparo estrutural não é o que falta a alguns, mas o que atravessa todo ser falante. É claro que aqui é importante demarcar uma diferença entre o desamparo estrutural e o desamparo sociopolítico forjado pelo discurso capitalista. Não penso que se trate de estabelecer uma diferença de natureza, mas de recursos e de amarrações possíveis. Isso recoloca a questão em um nível ético: o que, na nossa escuta, tende a reconhecer apenas os sujeitos que já chegam com seus fios bem tramados?

Falando em fios, me ocorreu o mito de Ariadne, que salvou Teseu no Labirinto ao lhe dar um novelo de fio. Novelos que não resolveria o enigma, mas sustentou sua travessia. Destarte, quem oferece um novelo a Macabéa? Ela está no labirinto do Outro, como todos nós. Mas com que fio?



Ariadne e Teseu.

Fonte: National Geographic.

“É para eu não me doer”... “Eu me dão o tempo todo”. O curioso não é a dor, mas o modo como ela não se organiza como queixa – tal qual sua dor de dente ou a tosse persistente: algo que insiste, mas não se articula como discurso. O que faz com que um sofrimento se torne compartilhável, e o que acontece quando não há, na gramática dos afetos, o léxico para isso?

Penso na cena da cartomante. Ali, pela primeira vez, algo é dito a Macabéa na forma de destino – um enunciado que tenta costurar uma trajetória, ainda que como ficção. O que essa fala faz com o sujeito? Algo se abre, como se Macabéa pudesse se apoiar em uma narrativa que a inclui, que a situa. Algo se inscreve no depois, mas reorganiza o antes.

E é nesse ponto que a morte irrompe, não como fim, mas como corte. A trama se interrompe sem se concluir. Paradoxalmente, é ali que algo se inscreve sob outro estatuto: o de acontecimento. A “hora da estrela” não designa brilho, mas o ponto em que essa existência comparece no campo do Outro. É preciso que algo do real irrompa para que a existência ganhe inscrição? O que a morte pode fazer lá onde a vida não vingou?

A cartomante, o fio, o tempo e a morte compõem uma mesma problemática: a da inscrição em risco de não fazer laço. Penso que é esse o ponto a que *A hora da estrela* nos convoca. Não se trata apenas de Macabéa. Trata-se do que, em cada um de nós, depende de um fio para que algo da existência não precise se inscrever apenas no instante da “hora da estrela”.

Referências

A hora da estrela, Direção: Suzana Amaral. Roteiro: Suzana Amaral e Alfredo Oroz. Brasil, 1985. 96 min.

Campello, Filipe, *Crítica dos afetos*, Belo Horizonte, Autêntica, 2022.

Freud, Sigmund, “Delírios e sonhos na *Gradiva de Jensen*”, em *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas*, v. IX, Rio de Janeiro, Imago, 1996. (Trabalho original publicado em 1907).

Lacan, Jacques, *O Seminário, livro II: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*, Rio de Janeiro, Zahar, 2008. (Trabalho original de 1964).

Lispector, Clarice, *A hora da estrela*, Rio de Janeiro, Rocco, 1998.

O AMOR EM “VIDAS PASSADAS”

Gabriela Monteiro Simão

Uma palavra em coreano: *In-Yun* [...] Tem a ver com providência ou destino. [...] Se duas pessoas ficam juntas é porque algo aconteceu em vidas passadas, é porque houve oito mil camadas de *In-Yun*, mais de oito mil vidas.

(Fala da personagem Nora, no filme “Vidas Passadas”)

Vidas Passadas (2023) conta a história de Nora, que reencontra, após 20 anos, Hae Sung, seu amigo de infância e primeiro amor. Nora, ou Na-Young (seu nome coreano) saiu de Seul aos 12 anos de idade, quando seus pais decidiram migrar para o Canadá. Com o desejo de ser uma escritora premiada, foi, em seguida, para Nova York, onde se casou com Arthur.

A indústria cinematográfica nos acostumou a roteiros que conduzem a um dualismo do drama romântico, à existência de um clímax que depende de um acúmulo de tensão emocional e de conflitos que tornam a união de um casal incerta até o último momento, até que, após uma grande decisão ou um gesto, acabam ficando juntos. Vidas Passadas não é sobre isso. O título e mesmo o termo *in-yun* jogam com essa perspectiva. Nora, inclusive, brinca dizendo: “É só uma coisa que os coreanos falam para seduzir alguém”.

Tanto Nora como Hae Sung estão lidando com o passado, suas vidas passadas de quando eram crianças em Seul, e com as escolhas que fizeram e que os levaram onde estão.

O que Hae Sung busca em Nora? Essa busca parece partir de algo que o intriga, que causa enigma para ele: a expansividade dela, os desejos ousados, a coragem de permanecer em um país tão distante, em uma cultura completamente diferente, o porquê de ela querer isso. Nora é um enigma que sacode a vida dele.

Em certo momento, ele chega a dizer que já se sentiu confuso, perguntando-se como seria se ela tivesse ficado em Seul ou se eles tivessem se reencontrado mais cedo, se teriam ficado juntos. Mas, logo diz também que o reencontro o fez entender, no fim das contas, que Nora saiu porque ela é ela. E que é justamente por isso que ele gosta dela! Para ele, Nora é “a que parte”.

E a beleza que é o relacionamento com Arthur! As conversas tão difíceis, mas tão francas. A forma como ele lida com a própria incompletude, não sem dificuldades. Em uma das cenas, os dois estão conversando e ele conta para Nora que ela às vezes fala enquanto dorme. Ela fala em coreano quando sonha. E Arthur fica inseguro porque não consegue entender o que ela fala. Tem uma parte de Nora que ele não consegue acessar... Uma forma bonita de dizer sobre a incompletude em um relacionamento.

E é mais difícil ainda quando isso que ele não pode acessar nela se materializa no retorno de Hae Sung, com aquilo que é das raízes, da cultura, dos costumes que fazem parte dela e que se evidenciam nesse reencontro.

É engraçada a forma como, certa noite, Arthur, também escritor, diz para Nora que a história entre eles não tem como competir com o roteiro romântico entre ela e Hae Sung: aquele reencontro com o primeiro amor da infância. Mas, é justamente a quebra desse roteiro que o filme retrata.

No final das contas, o que Nora diz para Hae Sung é uma sacada muito importante: aquela Na Young que ele procura não existe mais ali. Quando Nora o encontra em Nova York, ela se reencontra com algo da Na Young que ela foi um dia. Ela tem interesse nesse reencontro, mas vai percebendo que seu interesse é em algo que pesca de si através do olhar dele sobre ela.

Nora não se envereda somente por aí, não cola nessa imagem. Sua posição desvela essa idealização. Ela percebe que aquela Na Young perdeu-se para si mesma inclusive. Soler (2018) nos assinala que “os encontros por vezes fazem crer que a solidão do Um cessa de se inscrever, porém o sujeito se repete sempre como Um sozinho”. Lacan (1972-1973/2008) contrapõe a universalidade do Um ao Um contável, que instaura, na origem, a falta que institui o sujeito. O que permite a existência do laço de amor é a possibilidade de incluir em si a castração, com as falhas e limitações, apesar do impossível da relação sexual.

Após a partida de Hae Sung, Nora finalmente cai no choro. É um desaguar que aponta sua posição não-toda. Seu gozo, que a divide, deixa-a entregue à sua solidão, faz dela Outra para ela mesma.

Referências

- LACAN, Jacques. *O seminário, livro 20: mais, ainda* (1972-1973). Rio de Janeiro: Zahar, 2008.
SOLER, Colette. *O que resta da infância*. São Paulo: Escuta, 2018.
VIDAS PASSADAS (título original “*Past Lives*”). Direção: Celine Song. EUA: A24, 2023.



Seguimos adiante levando conosco
os lugares que já não existem.

- Gustavo Gontijo

ELA EU

Luciana Kamei Mori

vim de lá
vim dela
mas foi ela
que nunca
saiudemim

elaeu
será que nunca nasci?

amesma
boca pequena
perna grossa
voz fanhosa

elaeu
será que nunca nasci?

não é genética
nem imprinting
é forçacentrípeta

elaeu
será que nunca nasci?

pai é só um desvio
ela é fontedestino
umsemfímimmim

elaeu
será que nunca nasci?

querendo fugir
torno a voltar
odeiamar

elaeu
será que nunca nasci?
se parar
se parir

a gente nasce
é
num poema
numa tecla
enter

é

lá

eu

O DESEJO DA MÃE E O NASCIMENTO DO SUJEITO

Zilda Machado

Por não dispor da bússola do instinto, o ser humano nasce em estado de completo desamparo. É preciso que um pequeno outro o acolha e o sustente. A esse outro, Sigmund Freud chamou de “ser experimentado”; Jacques Lacan o nomeou “Outro primordial”. Trata-se daquele que encarna a função da Mãe.

Para além dos cuidados que a mãe oferece ao infans, ela está habitada pelo grande Outro: a linguagem. Por isso, tudo o que ela diz tem valor de lei pois, nos diz Lacan: “o dito primeiro decreta, legifera, sentencia; é oráculo, confere ao outro real sua obscura autoridade”.¹ É dessa função que provém o “banho de língua”, operação que erogeniza o organismo (que traz em si a substância gozante e a aptidão à fala) e o transmuta em corpo, convocando o infans a entrar na linguagem.

Mas esse chamado não parte de um lugar pleno. A mãe só pode operar a partir de sua própria falta. É enquanto mulher — dividida entre o lado mãe e o lado mulher — que ela deseja.

Falar do Desejo da mãe é entrar na complexidade da sexuação do sujeito que se alinha do lado mulher na partilha dos sexos. Para cada sujeito, será decisiva a relação dessa mulher — sua mãe — com a própria falta. Como ela se arranjou com a castração? Como entrou no Complexo de Édipo? Como indica Freud, pela equação criança = falo a criança pode ocupar o lugar de substituto fálico para ela.

A menina desloca o desejo de ter um pênis — que a mãe não pôde lhe dar — para o desejo de ter um filho, recebido como dom do pai, e posteriormente de um outro homem.

Desde antes do nascimento, o sujeito já está em jogo: ele é falado. Ao surgir no real do corpo da mãe, seus movimentos e gritos são imediatamente interpretados. Nada permanece como puro dado — tudo é convertido em demanda, pedido de algo. O que não se inscreve na demanda resta como um inassimilável: o desejo.

Cabe ao Outro decidir a significação. Não é um puro grito: “o bebê está com fome”. Assim, o sujeito recebe sua mensagem de forma invertida e recebe também agora a demanda da mãe: “me deixe te alimentar”. Mas a mãe não sabe muito bem o que o sujeito quer, a mãe não é o Outro (lembremos que o Outro não existe), ela é simplesmente um pequeno outro que, por suas faltas, ampara o infans.

É dessa falha que advém o essencial: a inscrição da falta. A barra no Outro e a divisão do sujeito.

É aí que se destaca o objeto a — resto irreduzível, produto dessa divisão. Se o Outro não falhasse, não haveria sujeito. Ele não diferiria do inseto que passeia infinitamente na banda de *Moebius* que ilustra a capa do Seminário da Angústia, livro 10 de Lacan. O sujeito não seria capaz de "sacar a jogada".

Mas há sim o outro lado, um avesso, mas esse só se apresenta se se percebe o furo, a falta no Outro.

Ao se confrontar com esse resto, o sujeito pode fazer surgir uma pergunta: **Ché vuoi?** — que queres? de mim ... e para além de mim? É nesse ponto que a metáfora paterna pode operar, substituindo o desejo da mãe pelo Nome-do-Pai — constrói-se assim a localização do falo em um lugar alhures.

Seguindo Jacques Lacan, sabemos: o poeta vai mais longe, diz melhor.
É então que a poesia toma a palavra, em uma canção de Chico Buarque:

Você, Você (Canção Edipiana)

*Que roupa você veste, que anéis? /
Por quem você se troca? /
Que bicho feroz são seus cabelos/
Que à noite você solta?/
De que é que você brinca?/
Que horas você volta? /
Seu beijo nos meus olhos, seus pés/
Que o chão sequer não tocam /
A seda a roçar no quarto escuro/
E a réstia sob a porta /
Onde é que você some?
Que horas você volta? /
Quem é essa voz?/
Que assombração /
Seu corpo carrega? /
Terá um capuz? /
Será o ladrão? /
Que horas você chega? /
Me sopra novamente as canções/
Com que você me engana/*

*Que blusa você, com o seu cheiro/
Deixou na minha cama? /
Você, quando não dorme /
Quem é que você chama? /
Pra quem você tem olhos azuis /
E com as manhãs remoça /
E à noite, pra quem
Você é uma luz Debaixo da porta?
/
No sonho de quem /
Você vai e vem
Com os cabelos /
Que você solta?
Que horas, me diga que horas, me
diga /
Que horas você volta?*

1. LACAN, Jacques. "Subversão do sujeito e dialética do desejo". *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998, p. 822.

BAÚ DE MEMÓRIAS: VIVÊNCIAS DE UM LUTO

Daiana Carvalho

No limiar, na hiância entre a vida e a morte, o que guarda o baú?

Baú, símbolo de memórias, de antiguidades que, quando revisitadas, refrescam o presente do paradoxo que se foi e do que jamais se foi.

Dias de memórias: 15 dias após o apagar da chama mais difícil de se apagar — a chama que te deu a vida, que simboliza o elo com a conexão do cordão umbilical da existência.

Na finitude, o deparar-se com o Real.

Não há mais o que pesquisar, não há respostas, não há medicina; só há uma sensação de impotência. Não diante de tudo que foi possível preservar de um sujeito materno digno e amoroso, mas sim diante do impossível da vida, daquilo que não tem significação psíquica: a morte.



O luto nos leva ao vazio. Ao vazio de um lugar único, de não mais ouvir aquela voz; aquele chamado singular e carinhoso; aquele colo; aquele sorriso; aquele abraço que, mesmo se vendo todo dia, dizia haver saudade...

O amor busca reciprocidade, demanda sempre mais amor. Por isso que, diante da maior de todas as faltas até aqui, é tão delicado perceber que, mesmo demandando, não há mais nesta dimensão onde buscar.

Porém, permanece o que se é. O que fica no mais remoto do baú. A chama da vida de quem amou viver, amou amar a existência e tudo que de mais simples faz parte dela.

Fica aquilo que desejamos ser, constituídos também pelo ser que nos gerou, com o mesmo desejo de continuar — nunca mais da mesma forma — até que esse encontro com o Real faça parte, um dia também, da experiência do ex-existir.

A CHAVE SEM SEGREDO

Bárbara Guatimosim

Ao poema "A arte de perder" de Elizabeth Bishop

*Procurando no chaveiro uma chave
Encontro outra que não reconheço
Deve ser de uma fechadura que se trocou
Depois de um assalto,
mais de um assalto.
Ou de uma porta que não mais se abre
A chave de uma casa que foi demolida
Incontáveis mudanças
Mais de uma casa demolida.
Fica a chave de um amor perdido
Quando leio no rosto dissimulado
O que não quero mais decifrar.
Uma chave pode perder seu segredo
Segredo mistério sem enigma
Jogo fora a chave pesada e inútil
Mais leve, resta perder no poema*



O MITO DA MEDUSA NA PSICANÁLISE

Ruze Robelli V. Oliveira

Segundo Marques (1994) “Mitologia refere-se, em primeiro lugar, ao conjunto de mitos de um grupo social específico, práticas narrativas, enunciados míticos, relatos, transmitidos ao longo de uma tradição. Em segundo lugar, refere-se a um discurso sobre essas narrativas, isto é, a um ramo do saber filosófico e científico que estuda a origem, o desenvolvimento e a natureza dos mitos, em si mesmos e na sua relação com outros tipos de discurso.”

“Mýthos: palavra, fala divina, conversa, coisa dita, propósito, discurso, coisa pensada, palavra não dita, fala humana, rumor, uma sequência de palavras que têm sentido, relato, mensagem, conto, estória, narrativa, ficção, fábula, trama, ato de fala, pensamento, opinião, intenção, resolução, etc.” (Marques, 1994)

A mitologia estuda relatos míticos sobre a origem do mundo, dos deuses e do homem. Originados na Grécia, os traços principais eram a oralidade e a personificação dos deuses, com poderes até para comandar o destino humano. Quando Grécia e Roma iniciam o registro por escrito dos mitos e suas peripécias, como na *Iliada* e *Odisséia* de Homero, estes começam a ser criticadas pela lógica, perdendo a principal característica de relato mágico. Os relatos míticos na Grécia e em Roma, mantinham similaridades e tinham por objetivo fixar normas morais.

O mito da Medusa na versão do poeta Ovídio:

“Na Grécia Antiga, Poseidon e Atena travaram uma guerra para decidir a capital da Grécia. Atena saiu vitoriosa e isso despertou fúria em seu irmão. Para se vingar, Poseidon foi ao templo da deusa e abusou sexualmente de Medusa, sua mais fiel devota. Apesar da notícia se espalhar e as pessoas alertarem Medusa para fugir, ela continuou indo ao templo para cumprir suas tarefas. Medusa era a mais bonita dentre as devotas de Atena, com cabelos longos e atraentes que chamavam atenção. Quando Atena foi ao templo, Medusa contou o ocorrido, pois o abuso havia profanado o templo. Tomada pelo ódio, Atena castigou Medusa, transformando-a em um monstro, uma Górgona mortal. Seus belos cabelos foram transformados em serpentes, e seus belos olhos ganharam a maldição de transformar em pedra a quem ela olhasse. Aterrorizada e magoada com o castigo, Medusa fugiu para uma caverna, para não ferir as pessoas.”

Em 1922 Freud escreve “A Cabeça da Medusa” onde associa a cabeça decapitada de Medusa à castração. Esse texto foi incluído postumamente no volume *Além do Princípio de Prazer, Psicologia de Grupo e Outros Trabalhos*,

“Decapitar=castrar. Numerosas análises familiarizam-nos com a ocasião para isso: ocorre quando um menino, que até então não estava disposto a acreditar na ameaça de castração, tem a visão dos órgãos genitais femininos, provavelmente os de uma pessoa adulta, rodeados por cabelos, e, essencialmente, os de sua mãe.” (FREUD 1922)

Em 1923, Ferenczi escreveu o breve texto “Simbolismo da cabeça de Medusa”. Nele, “interpreta a cabeça da Medusa como o símbolo assustador da região genital feminina. As numerosas serpentes que se enroscam ao redor da cabeça podendo significar a ausência de pênis e o próprio horror a vista de órgãos genitais castrados. Os olhos, fonte da angústia e do pavor, também têm a ereção por significação secundária.”

De acordo com Roudinesco, Freud interessou-se por filosofia antes de ingressar na medicina. Talvez daí o uso de personagens mitológicos em sua obra.

Referências

BEZERRA, Lilian P. A.; CALDAS, Viviane M. – *DESCONSTRUINDO AS GÓRGONAS: O MITO DA MEDUSA E A OPRRESSÃO DO EROTISMO FEMININO*, Revista 15 de Outubro, v. 3, n. 2, Jul – Dez 2024/ ISSN 2965-5633 - Universidade Federal de Campina Grande MT. Versão digital, acesso em 20.03.2026.

FREUD, S. – *A ORGANIZAÇÃO GENITAL INFANTIL* (1923) in *O EGO E O ID, UMA NEUROSE DEMONÍACA DO SEC. XVII E OUTROS TRABALHOS*. (1923-1925) Vol XIX, Edição Standard Brasileira da Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud – com comentários e notas de James Strachey em colaboração com Anna Freud, Rio de Janeiro: Imago, 1996.

- *A CABEÇA DA MEDUSA* (1940(1922)) in *ALÉM DO PRINCÍPIO DO PRAZER, PSICOLOGIA DE GRUPO E OUTROS TRABALHOS* (1920-1922), vol XVIII. Edição Standard Brasileira da Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud – com comentários e notas de James Strachey em colaboração com Anna Freud, Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FERENCZI, S. – *SIMBOLISMO DA CABEÇA DA MEDUSA* (1923) texto XXX in *SÁNDOR FERENCZI OBRAS COMPLETAS PSICANÁLISE III*, p. 217, tradução Álvaro Cabral, São Paulo: Editora WMF MARTINS FONTES, 2011.

MARQUES, Marcelo P.- *MITO E FILOSOFIA*, in *MITO*, Caderno de Textos n. 2, Belo Horizonte: Ed Núcleo de Filosofia Sonia Viegas, Set 1994, p.18-37.

ROUDINESCO, E. - *SIGMUND FREUD Na sua época e em nosso tempo*. Tradução André Telles, revisão técnica Marco Antonio Coutinho Jorge – 1. ed. – Rio de Janeiro: Zahar, 2016.

WIKIPEDIA - O MITO DA MEDUSA – versão do poeta Ovídio, acesso em 20.03.2026



Quem não encara suas próprias águas,
vive à deriva de si mesmo.

@GUSTAVOGONTIJOART

DOS DITOS À TRAVESSIA

Sandra Belchiolina de Castro

Para Carlos Drummond de Andrade
o anjo torto:
vai ser gauche na vida.

Para Adélia Prado
outro dito:
vai ser desdobrável.

Para Mário Quintana
passarão.
Eu,
passarinho.

Para Manoel de Barros
do nada,
profundidade.
da palavra,
silêncio.

Para João Guimarães Rosa
e o psicanalista:
uma palavra:
travessia.

E o resto —
não dito.

NoNada.

“ROMPI TRATADOS, TRAÍ OS RITOS. QUEBREI A LANÇA, LANCEI NO ESPAÇO.”

Daniele Evelin Viana Pinheiro

Há um momento na formação em que não se trata mais de aprender, mas de perfazer. Não que seja uma de-cisão consciente, dessas que se anunciam com clareza e método. Penso que funciona mais como em uma estação em que você pega um bonde errado e que, dentro do bonde, precisa saber-fazer com o destino equivocados. Descer em seguida e pegar outro, ou ir até o final da linha.

“Rompi tratados, traí os ritos. Quebrei a lança, lancei no espaço.”

Quando escutei esse verso, recordei-me imediatamente do teto que desabara no consultório em que eu fazia um trabalho de análise por seis anos e que fora muito difícil de romper, encerrar, finalizar. As chuvas fortes que banhavam a cidade causaram um furo no teto e ele começou a pingar. A cada sessão, havia um balde dentro do consultório, como se quisesse dar conta das gotas que o inundavam.

O tempo foi passando e o teto foi cedendo ao ponto de desabar: abriu uma cratera. O furo virou um buraco maior...

O teto desabou e um corpo com ele também. O teto seria a representação de algo que só inundava e não esvaziava até que desabou. Não coube no corpo.

O rompimento ocorreu como um segundo ato de nascimento. Romper não foi um ato de recusa, mas uma passagem.

Rompi também com uma instituição. Ou talvez tenha sido o contrário: algo em mim já havia se deslocado, e a instituição apenas deixou de fazer borda.

Depois disso, vieram anos de solidão.

Análise, supervisão, atendimentos e estudos ocorriam, mas havia uma espécie de resto que não se movia. Como se uma parte tivesse ficado retida naquele ponto de interrupção, naquele corte que, embora necessário, não se concluía. Segui trabalhando, mas com a sensação de que algo do meu próprio percurso havia ficado oco, sem eco.

Ocorria, por parte da analista, a seguinte sentença: “não se pode fazer trabalho de análise ou supervisão com analistas de outras instituições”. Não dei ouvidos. E mesmo antes de o teto criar furos e desabar, quebrei a lança, lancei no espaço um novo laço.

Iniciei uma nova temporada de supervisão com uma analista do Fórum do Campo Lacaniano. Tempos depois, em uma nova estação, reiniciei uma análise à distância, atravessando estados e sustentando um encontro possível dentro das limitações impostas pelo tempo. Permaneci por três anos.

Talvez saber, ler, estudar e ouvir que somos sós seja diferente de viver no corpo tal experiência. Mais uma vez, a vida convocava a lidar com a solidão do ato, o saber ser ímpar mesmo rodeada de gente.

“O analista, fundamentalmente, esta só (“tão só quanto sempre estive em minha relação a causa analítica”), ele tem “autonomia nas suas iniciativas”, não tem Outro que o suporte: ele se autoriza de si mesmo. O princípio desta solidão e a premissa do ato, e o que vai lhe dar autoridade para suportar o abjeto, o que na análise presentifica-se como sendo a extrema solidão de um sujeito, o seu mais próprio desarvoramento.” (Fingermann, 2016, pg. 194)

Depois de tanto tempo vagando, decidi circular.

Circular por Uma Escola não é apenas frequentar seus espaços. É consentir em se expor à política, às transmissões, às formas de laço. Há medo? Sim. Medo de reencontrar formas endurecidas, de ver o discurso analítico capturado por lógicas estranhas, de testemunhar a redução da experiência a posições e pertencimentos. Medo, também, de não encontrar lugar.

Mas há algo que insiste.

Circular, para mim, não tem a ver com pertencimento imediato. Ainda que a palavra remeta à repetição, círculo, nesse caso esse círculo rompeu para que eu pudesse circular, passear, como aquele passeio de Freud com o poeta, observando as estações e seu retorno.

Tem mais a ver com uma aposta: a de que ainda é possível sustentar um percurso que não se feche em estações estáticas e dogmáticas; que, se se pega o bonde errado, pode-se descer e pegar outro.

Romper não foi o fim de um caminho.

Foi, talvez, a condição para que uma nova estação pudesse recomeçar.

E circular, agora, é menos sobre encontrar um lugar e mais sobre sustentar um movimento. Não precisa ser engessado. Não é um gozo mortífero, mas um gozo em júbilo.

Às vezes é preciso tempo para diluir as questões viscosas que carregamos como verdade, para que então a gente se dê conta de que a Escola não é esse lugar inalcançável que afasta aqueles que desejam engajar-se. Pelo contrário, ela só existe porque pessoas se dispuseram e se responsabilizaram em fazer avançar a psicanálise.

“A escola de Lacan (...) é uma praça pública, fórum, ágora, que cada um perpassa caminhando, andando e riscando seu caminho próprio.”¹

Talvez circular, então, seja consentir com isso: não há lugar pronto, mas caminhos que se fazem ao andar. E, nesse percurso, cada um é convocado a responder não apenas com seu suposto saber, mas com aquilo que pôde extrair do seu próprio trabalho de análise. Um *savoir-faire* com o resto.

Porque, afinal, talvez a formação não se dê naquilo que conseguimos manter intacto, mas justamente nos pontos em que algo se rompe, se perde, se desorganiza e nos convoca a inventar outra maneira de seguir.

Não há Outro que assegure o lugar certo, a Escola certa, o modo correto de fazer.

Referências

¹ FINGERMANN, D. A (de)formação do psicanalista: as condições do ato psicanalítico (p.27). São Paulo: Editora Escuta, 2016.



*Recomeçar é mudar de lugar
sem sair de si.*

- Gustavo Gontijo

A VERDADE DA MULHER

Jeane Câmara

A verdade da mulher
É sempre sinuosa

Mas, sempre é dita
Indiretamente
Com rodeios
Lateralmente

A verdade da mulher
Deve ser inclinada
Parafraseada

É como explicar com delicadeza
O espetáculo de uma tormenta
Com relâmpagos e trovões
E trazer alívio nas explicações

A verdade da mulher
Deve ser gradual
Para deslumbrar
Senão, a muitos homens
Irá cegar.

AS MULHERES SEM-TEMPO, AINDA SE ESCUTAM (?)

Leticia Paião

Che voui? Como está essa pergunta para as mulheres que chegam hoje na clínica psicanalítica? O que está se passando com as mulheres hoje que se queixam com muito sofrimento de um sintoma que nomeiam como cansaço constante?

Há uma falta a ser fundamental no processo de tornar-se mulher. Como nos disse Lacan, A mulher não existe. O que significa dizer que não há um dito ou resposta dada pelo Outro da cultura que venha a suplementar a falta a ser da mulher? No processo de constituição do seu feminino, a menina vai encontrando com a pergunta como é ser feminina. Em primeiro tempo direciona essa pergunta à sua mãe. Na música: “Feminina”, Joyce Moreno traz na letra dessa canção essa pergunta fundamental: “ô mãe, me explica, me ensina, me diz o que é feminina?”. Essa canção nos ilustra com delicadeza a dança que cada mulher vai tecendo com um fio, com lacunas e alguns saberes, um saber que possibilite se sustentar frente ao que deseja e a habitar espaços que lhe são significantes.

Sustentar o enigma do que quer uma mulher traz a possibilidade de cada mulher encontrar as palavras que sustente um dizer. O lugar dito não sustenta uma prosa, encontra respostas sem encontrar frestas. Os discursos de nosso tempo oferecem um repertório de ditos e ideais que prometem que se cada mulher puder seguir, terá em um tempo muito curto a garantia de ser bem-sucedida nas suas incertezas enquanto mulher, nas suas funções com a maternidade, com a profissão, na relação com o próprio corpo e com o par amoroso. Mas, observamos na clínica, que as mulheres cada vez mais se queixam de cansaço constante, ao invés de encontrarem saídas para se dizer, encontram falta de tempo. Ocupam o tempo equilibrando pratos, como muitas dizem. Não têm tempo para muita conversa, entre uma tarefa e outra que procuram finalizar, olham para o relógio e, se sobra algum tempo livre, logo procuram qual é o item que está lhes escapando do roteiro previsto da suposta garantia de encontrar performance e felicidade plena. Contrário do que se promete, cada vez mais, as mulheres estão sem tempo e se queixam de um cansaço sem fim. Nas falas de cada uma encontramos muitas exclamações e vírgulas sem fim.

A partir da Psicanálise, pode-se interrogar sobre o que falta às mulheres, equilibristas de pratos. No processo analítico, o analista convida, pouco a pouco, a mulher a trocar suas vírgulas e exclamações por pontos de interrogação. A partir dessa troca, abre uma fresta para se ter tempo de escuta.

Lacan convida a construir uma lógica do não-todo. O discurso analítico sustenta uma escuta para que cada sujeito feminino possa colocar o mal-estar e as suas angústias a se dizer. A partir do que se escapa do roteiro, a mulher pode encontrar a chance de encontrar a sua singularidade e tecer de uma forma que possa ser não-toda.

De acordo com Guarreschi (2024) a angústia, o afeto que não engana, traz uma pergunta importante para o sujeito frente ao seu sofrimento: “onde está o meu tempo?”. A autora segue com Nominé (2009), e esclarece que não se trata de um tempo do banal “cada um tem seu tempo”, mas de um tempo que é próprio de cada um e participa de seu modo de ser. Esse tempo, segundo Guarreschi (2024) citando Safatle (2024), na análise, traduz-se pelo tempo de reconhecimento pelos sujeitos das singularidades que atravessam suas formas de desejar, de se mover, de agir e de utilizar a linguagem.

A possibilidade de cada mulher não preencher todo espaço vazio de tempo, abre uma fresta para escutar suas angústias. O encontro com a angústia, como um afeto que não engana, abre uma lacuna em que se encontre um caminho possível para que o tornar-se mulher possa dobrar uma esquina e outra, não fechando definitivamente a pergunta: O que queres, uma mulher? Há, portanto, um espaço “entre”. Esse espaço “entre” que a mulher desde menina dá muitas voltas, instaura um movimento dialético do desejo.

Lacan (1953) em “Função e campo da fala e da linguagem”, traz que a liberdade do sujeito se inscreve na possibilidade de renúncia constitutiva que pode fazer diante do desejo do Outro. A falta a ser convoca a menina a querer encontrar uma consistência à sua existência. A partir desse objeto “a” perdido, a partir do encontro que não há uma nomeação que apazigue essa falta a ser, é que cada uma sai em busca e direciona a pergunta do que é ser feminina para a mãe, para outras mulheres e ao Outro dos ditos sociais e culturais.

O sujeito diz: Não! a esse brincar de passa anel na intersubjetividade, no qual o desejo só se faz reconhecer por um instante para se perder em um querer que é querer do outro. Freud nos ensinou que é a partir da brincadeira do Fort Da que pode nascer o desejo, e a criança não mais sendo atendida totalmente pelo saber da mãe, começa a criar suas próprias brincadeiras e tecer seu saber, sendo impulsionada para buscar a linguagem, alienando-se a fundamentalmente nela, para que possa mais tarde se separar, recortar e costurar os significantes em um espaço que tenha para se representar para outro significante.

Como diz Adélia Prado (1976): só a mulher entre as coisas envelhece. Na falta a ser estrutural de cada uma, envelhe-Ser no fio do tempo. Tecer o fio de ser feminina, no qual cabe a cada uma, sustentar o enigma: O que quer uma mulher? Enigma que as sustenta como seres de desejo.

Atualmente tudo vai muito rápido, há um imaginário de que é possível encontrar respostas há um click imediato nos dispositivos de internet, e que assim os enigmas de cada indivíduo podem ser solucionados. Promete-se assim que a felicidade está garantida. No entanto, de acordo com Nominé (2017), há uma aceleração que faz os sujeitos, hoje, acreditarem que é possível controlar o tempo, a partir dos progressos da ciência. No entanto, a psicanálise trás um discurso que sustenta uma ética que vai na contramão, demonstrando que o tempo não é um objeto possível de controlar. A psicanálise sustenta que o tempo participa daquilo que causa o nosso desejo.

Referências

- Guarreschi, L. (2024, junho). Sem tempo para angústia. *Stylus: Revista de Psicanálise*, (48), 57-62.
- Lacan, J. (1998). Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise. In J. Lacan. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- Nominé, B. (2009, abril). O tempo: um objeto lógico. *Stylus: Revista de Psicanálise*, (18), 51-60.
- Nominé, B. (2017, outubro). Função e tempo no desejo e seu uso na estrutura hoje. *Livro Zero: Revista de Psicanálise. Entre o significante e a letra*, (09), 35-52.
- Prado, A. (1976). *Serenata*. Bagagem. Brasil. Editora Record.



*Viver é aprender a habitar
o que em nós ficou vazio.*

- Gustavo Gontijo

@GUSTAVOGONTIJOART

QUASE-MORTE DE DEUS

Marcelo Rangel

e se deus estiver ferido,
de morte,
não finado
mas retraído?
risco
ir ao encontro
de quem talvez
tenha desexistido

UMA DAS SAÍDAS POSSÍVEIS PARA PSICOSE: SUPLÊNCIA OU SINTHOMA

Roberto Tadeu Loureiro Resck

"O sintoma é essencialmente neurótico, quando responde no lugar dessa verdade, nesse lugar em que o "eu sou" está no lugar "de onde se vocifera que o universo é uma falha na pureza do Não ser". Mas quando, nesse lugar, há o sujeito da certeza, que diz que o Outro goza, então ele está no lugar onde ele é vociferado que o Outro goza". (J. Lacan, 1966).

Para entendermos melhor o que se apresenta na psicose, antes de entrarmos na Suplência como tentativa de solução, é importante entendermos o que Lacan chamou de real, do lado exterior ao sujeito, através das alucinações visuais, auditivas, etc. (Colette Soler, 1991). Também, Colette Soler (1991) afirma que: *"há a lei do significante e há lei do Pai que regula a lei do significante e na qual se deveria colocar a interdição do incesto"*.

Ao abordarmos a quarta solução com Elisa Alvarenga (2000) que diz: *"Se passarmos a um segundo momento do ensino de Lacan, onde o paradigma da subjetividade é a psicose, ou seja, onde o NP é apenas um suplemento, entre outros, à forclusão generalizada, a uma falta estrutural no simbólico, passamos a pensar o problema das suplências, o outro nome dado para estabilização, onde não houve um desencadeamento"*. A suplência, ou "sinthoma" não busca a restauração de um sentido, não faz metáfora, e, em alguns casos, como o de Joyce e Rousseau, prescinde do analista. Nem só de NP vive o homem. A suplência, mesmo prescindindo da significação fálica, permite ao sujeito psicótico fazer laço social e não ser ele mesmo esse objeto de gozo do Outro. Trata-se de um Sinthoma, pois não busca um complemento de sentido. Localizamos aqui, que a suplência encontrada por Joyce, a sua arte, Letra, é o lugar de onde ele se localiza e limita seu gozo. Com Miller, podemos dizer que Joyce inventa uma função completamente inédita para o órgão- linguagem, não a comunicação, mas uma forma de literatura inédita, que não fez escola, indo ao extremo de sua idiotia', de sua singularidade. Rousseau também segue o caminho da idiotia, da singularidade, quando inventa a utopia do laço social magnífico em o "O Contrato Social" ou ao inverso, no momento em que ele se descreve só, rejeitado pelo mundo, ele inventa sua "Viagem em grande idiotia". Ainda com Miller, ele viaja em sua própria originalidade, tentando aí absorver sua particularidade no laço social ao qual ele acede pelo uso da escrita. Tanto Joyce como Rousseau tentam se fazer representar pela escrita, representar sua particularidade, singularidade e invariabilidade. Por outro lado, existem tentativas de soluções, menos nobres, atípicas, encobridoras de uma psicose, como no caso de alguns sujeitos que se nomeiam toxicômanos, alcoólatras, delinquentes, deprimidos, etc., saídas "covardes" e típicas do mundo contemporâneo.

O Psicótico trabalha sozinho, **espontaneamente**, um trabalho árduo, penoso e muitas vezes inútil para dar a ele o mínimo possível de suporte para se inscrever no discurso, fazer laço social e conter, de uma forma suportável, a sede avassaladora de gozo do Outro. Este trabalho pode incluir o delírio, psicoses desencadeadas e sem delírio, psicoses não desencadeadas.

Quando o psicótico procura o analista e como deve ser o ato analítico na psicose? Para A. Beneti (1996), são os sujeitos psicóticos que estão no trabalho de delírio, mas vacilam e não encontram as significações delirantes moderadoras de gozo ou que já passaram ao ato, pois a dimensão do gozo tornou insuportável, mortífera, que chegam com frequência ao analista. Assim, o analista deve fazer um "cálculo da clínica" da psicose se perguntando o que quer aí, onde pode chegar, que pode esperar de tratamento com um psicótico? Até onde ir a uma análise, por que da análise? Devemos estar cientes dos limites, dos obstáculos e impasses que encontraremos nesta clínica, a fim de equacionarmos o seu problema e, assim, derivarmos as questões específicas desta clínica. Pois, estamos diante de uma estrutura onde o "imaginário tem estatuto de real; confunde-se com o real". "Há uma síntese do imaginário e do real que é todo o problema da psicose". (J. Lacan, 1979). Assim sendo, podemos ser um parceiro do psicótico, secretariando, testemunhando, auxiliando, ou ao menos não atrapalhando, orientado sempre pela máxima que: a solução é sempre espontânea, é uma criação por parte do sujeito psicótico.

Cristiane Barreto (1993) ressalta que: o postulado de Lacan em relação ao desejo do analista enquanto "não desejo de curar" enfoca a cura como um "por acréscimo". Assim, devemos sempre nortear nossa clínica, seja o sujeito neurótico, psicótico ou perverso, com a prudência decorrente deste postulado.

¹ nesse caso, *idiotes*, é o particular, mas *idios* como adjetivo, é verdadeiramente o que é próprio a um, aquilo que lhe é particular, aquilo que está à parte.

Referências

- SOLER C, *Artigos Clínicos-Abordagens do Nome do Pai*, Salvador, Editora FATOR, 1991, p. 120-124.
- ALVARENGA, E., *Artigos - Estabilizações*, Belo Horizonte, EBP-MG, Curinga nº. 14, abr.-2000, P. 18-23.
- BARRETO, C., *O desejo do analista e o desejo de curar*, Belo Horizonte, EBP-MG, Curinga nº0, out.-1993, P. 58-66.
- BENETI, A., *Artigos - Sobre o Tratamento Psicanalítico da Psicose*, Belo Horizonte, vol. 2, n. 2, dez. 1996, p. 18-33.
- LACAN, J., *Escritos - De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1998, p. 537-590. [*Écrits*, 1966, Éditions du Seuil, de Paris, França].
- LACAN, J., *O Seminário, livro I, Os escritos técnicos de Freud*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1979, p. 107-

TRABALHO D'ESCOLA: LÓGICA DE CARTEL, ETICA DA PSICANÁLISE¹

Pedro Moacyr

No Campo Lacaniano, os cartéis constituem um espaço da Escola dentro dos Fóruns. Uma dobradiça que entra no jogo entre o trabalho de fazer Fórum e a lógica da Escola. O cartel é porta de entrada da Escola². A nossa, acontece como orientação, por isso não conta com um CNPJ, nem local físico no qual aloja, são os Fóruns que geralmente os têm. Então, pergunto, de que entrada o cartel trata?

Sigamos a lógica da coisa. O trabalho de Escola é um esforço de sustentação da “experiência original”³ em que consiste uma psicanálise. Isso porque ela não está dada de início, ao contrário, a tendência do agrupamento de humanos leva ao que essa experiência é avessa, à massificação. O trabalho em cartel, então, convida à entrada não nas instituições, como se fossem dispositivos de captação de pessoas. Presentificar a psicanálise no mundo é diferente de cooptar seguidores. O cartel é sim, uma oferta, que é democrática, aberta, gratuita e acessível, aposta na circulação do discurso analítico. Para além do estudo teórico, coloca em questão a formação do grupo e suas identificações: seu funcionamento. É uma proposta que Lacan delinea no mesmo ato que funda a Escola (LACAN, 2003/1964). A dobradiça, então, pode ser pensada logicamente, trabalho de fazer existir algo do analítico na cidade dos discursos (extensão, trabalho de Fórum). Mas também de lançar os sujeitos às questões da intensão (trabalho de Escola) de uma psicanálise. Trabalho que se desdobra entre intensão e extensão, de entrada em uma lógica de descolagem.

Arbeiten é o termo alemão usado por Freud, traduzido para o português como *trabalhar*, desdobrando-se em diferentes sentidos (HANNIS, 1996): *Bearbeitung* – “um esforço de trabalho”, “lavar”; *Verarbeitung* – assimilação, um “digerir algo”, processar ou absorver; *Durcharbeitung* – ato de trabalhar do início ao fim sem interrupção, etc.

Lembremos que é aos “trabalhadores decididos” que Lacan se dirige quanto à adesão a Escola (Lacan, 1964/2003). E geralmente somos trabalhadores mesmo, nos envolvemos em seminários, cartéis, supervisões, Jornadas, Encontros e análises. Constantemente o

¹O presente escrito é efeito/produto do trabalho que realizei com os colegas do Fórum do Campo Lacaniano de Belo Horizonte em dois momentos: a XV Jornada de Cartéis, na mesa composta pela CLEAG (dia 28/06/2025) e o Espaço Escola, em 26/08/2025.

²A ideia de porta de entrada vem da primeira referência que Lacan faz a respeito do cartel, no seu Ato de Fundação (de 1964). Ele o faz exatamente no momento em que, em nota anexa, apresenta o tema da candidatura à Escola. Que seria trabalhada por meio de um cardo, cuja referência é a palavra em latim – gonzo. Ou seja, uma dobradiça.

³Os princípios diretivos para uma Escola orientada pelo ensino de Sigmund Freud e Jacques Lacan. In: Catálogo da IF-EPFCL in Catálogo da IF 2025-2026.

realizando decididamente! Mas trabalhadores da psicanálise respondem de outro lugar, em conformidade com determinada ética. “Práxis de sua teoria”⁴, que possibilita deixar cair o empuxo ao exercício de um poder em torno do saber, para bem-dizer a experiência. Em *Televisão*, Lacan (2003/1973) apresenta a ética como fato de discurso, são éticas. Assim, o trabalho, seja qual for, muda sua orientação, seu funcionamento até, estando sua ética em acordo com o discurso no qual se aloja. Nessa lógica podemos cunhar uma forma de trabalho que pode ser chamado de psicanalítico, aquele sustentando pela ética da psicanálise. E é efeito da análise em intensão que o saber pode advir furado.

Falar de lógica com Lacan inclui abordar o fator tempo. Tempo suficiente para se colocar às provas, para ter realizado alguns atravessamentos no caminho. No caso do momento de entrada como membro da Escola, por exemplo, um tempo de ter caminhado a ponto de vislumbrar “o horizonte do passe”⁵ que coloca em questão a psicanálise e “todo o trabalho de formação”. O que é bem diferente de perguntar sobre a formação e o passe. E é, ainda, outra coisa que portar uma resposta para essa pergunta, muitas vezes formulada em torno do ser: *sou ou quero ser psicanalista*.

Então, talvez possamos pensar que são muitas portas e dobradiças, entradas e saídas. A dobradiça que deixa aberta o passe (analísante/analista) precisa contar com o trabalho, com certeza, e um trabalho decidido, sem sombra de dúvida. Mas uma vez aberta a porta da psicanálise, é preciso topar adentrá-la, e, mais ainda, seguir. Dobrar, desdobrar, trocar portas, abrir portais, vislumbrar novas dobradiças e descobrir que isso não cola, então, descolar. Um trabalho de Escola, descola da Escola⁶. E por isso Lacan refere ao trabalho de luto como necessário para seguir em torno da Causa que propunha. Pois a Escola, no trabalho de cartel, trata dos efeitos de cola, para que no um + um + um + um, a psicanálise decole.

Referências

Os princípios diretivos para uma Escola orientada pelo ensino de Sigmund Freud e Jacques Lacan. In: Catálogo da IF-EPFCL in Catálogo da IF 2025-2026

HANNS, L. A. Dicionário comentado do alemão de Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

LACAN, J., (2003/1964) “Ato de fundação”, Outros escritos, Rio de Janeiro, Jorge Zahar.

LACAN, J. (2003/1973). *Televisão*. In Outros Escritos. Rio de Janeiro: Zahar.

LACAN, J. (1980a). D’Écolage. Revista da Letra Freudiana: Escola, Psicanálise e Transmissão, Documentos para uma Escola, ano I, n. 0, Rio de Janeiro, s/d.

⁴ Os princípios diretivos para uma Escola orientada pelo ensino de Sigmund Freud e Jacques Lacan. In: Catálogo da IF-EPFCL in Catálogo da IF 2025-2026

⁵ (Adendo Membro de Fórum/membro de Escola) Os princípios diretivos para uma Escola orientada pelo ensino de Sigmund Freud e Jacques Lacan. In: Catálogo da IF-EPFCL in Catálogo da IF 2025-2026

⁶ (referência ao texto D’Écolage) LACAN, J. (1980a). D’Écolage. Revista da Letra Freudiana: Escola, Psicanálise e Transmissão, Documentos para uma Escola, ano I, n. 0, Rio de Janeiro, s/d.

SOBRE OS AUTORES

1. BÁRBARA GUATIMOSIM

Psicóloga, psicanalista, membro do Fórum do Campo Lacaniano BH, EPFCL – Brasil, artigos publicados em várias revistas e coletâneas de psicanálise. Mestre e Doutora em Estudos Literários pela UFMG.

✉ barbaraguatimosim@gmail.com

2. DAIANA CARVALHO

Psicóloga, Psicanalista. Participante de cartel Inter-fóruns BH e SP.

✉ daiana.carvalhopsi@gmail.com

3. DANIELE EVELIN PINHEIRO

Psicanalista. Formada em psicologia - Esamaz. Participante das Formações clínicas do Fórum do Campo Lacaniano - BH.

✉ danipinheiro_@hotmail.com

4. GABRIELA MONTEIRO SIMÃO

Membro do Fórum do Campo Lacaniano de Belo Horizonte. Atua como psicóloga na Universidade Federal de Minas Gerais, locada no Centro Pedagógico. Possui doutorado pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

✉ gabrielamsimao@gmail.com

5. GIOVANA GUZZO FREIRE

Psicanalista, membro de Escola e do Fórum do Campo Lacaniano de Mato Grosso do Sul (FCL-MS). Graduada em Psicologia (Uniderp), mestre em Psicologia (UFMS).

✉ giovanaguzzo@gmail.com

6. GUSTAVO GONTIJO

Artista visual e publicitário de formação. Participante das formações clínicas do FCL-BH. Trabalha com colagem, explorando acaso, memória e cotidiano. Reorganiza imagens para revelar sentidos ocultos e narrativas simbólicas. Inspirado pela psicanálise, investiga desejo, ausência, beleza e conflito. Suas obras convidam à pausa, à interpretação e ao afeto.

✉ gustavogontijo91@gmail.com

7. JACQUELINE BRAGA

Psicóloga, psicanalista em formação contínua, membro do Fórum do Campo Lacaniano de BH.

✉ jacbraga@gmail.com

8. JEANE CÂMARA

Psicanalista, membro do Fórum do Campo Lacaniano de Belo Horizonte (FCL-BH). Atualmente contribuindo na Comissão de Comunicação e no Ateliê Psicanálise e Horizontes.

✉ jeanepsi@yahoo.com.br

9. LETICIA FONSECA PAIÃO

Psicanalista, mestre em psicologia social na PUCSP, participante das formações clínicas do fórum São Paulo e Belo Horizonte.

✉ leticia.avpc@gmail.com

10. LUCIANA KAMEI MORI

Psicóloga, Psicanalista, possui pós-graduação em Clínica Psicanalítica na Atualidade - PUCMG, participante das formações clínicas do Fórum do Campo Lacaniano de Belo Horizonte e dos cartéis: O Feminino e Arruinados pelo êxito.

✉ kameiluciana@gmail.com

11. MARCELO RANGEL

Professor do Departamento de História e dos Programas de Pós-graduação em História e Filosofia - UFOP.

✉ mmellorangel@yahoo.com.br

12. PETER AUGUSTO DA SILVA

Psicanalista. Membro do Fórum do Campo Lacaniano de Belo Horizonte (EPFCL-Brasil). Mestre em Psicologia pela PUC Minas, com pesquisa sobre desamparo discursivo, racismo e sofrimento sociopolítico. Atua na clínica psicanalítica e nas políticas públicas na Prefeitura de Betim/MG. É autor de artigos publicados em revistas e coletâneas nas áreas de psicanálise e políticas públicas.

✉ peter.augusto13@gmail.com

13. PEDRO MOACYR C BRANDÃO JR

Membro de escola - EPFCL, membro do Fórum do Campo Lacaniano Região Serana/RJ (IF), Pós doutor em Psicologia (UFRRJ), Doutor em Psicologia (UFRJ), Mestre em Pesquisa e Clínica Psicanalítica (UERJ), Especialista em Psicologia Clínica (PUC RIO), membro do Corpo Editorial da Revista Debates em Psicologia (Unigranrio/Afya), membro do Núcleo de Pesquisa Clínica Psicanalítica (CLINP/UFRJ), autor dos livros Paradoxos da dor: da dor de existir às dores no corpo e ABUSOS do Sexual.

✉ pedromoacyr@icloud.com

14. ROBERTO LOUREIRO

Psicanalista (em constante formação). Graduado e Mestre em Engenharia Química/Unicamp. Participante das Formações Clínicas do Fórum do Campo Lacaniano de Belo Horizonte.

✉ loureiro.roberto@yahoo.com.br

15. RUZE-ROBELLI VASCONCELOS OLIVEIRA

Formada em Letras pela FAFIL/UNIMONTES e em Psicologia pela Newton Paiva BH, título de especialista em psicologia clínica pelo CRPMG, especialista em perinatalidade e parentalidade pelo Maternelle do RJ. Participante das formações clínica do FCL BH.

✉ ruze.robelli@hotmail.com

16. SANDRA BELCHIOLINA DE CASTRO

Psicóloga e psicanalista. Membro do Fórum do Campo Lacaniano de Belo Horizonte (IF). Mestre em Turismo e Meio Ambiente. Coordenadora das comissões do Folhetim NoNada e Bloomsday - 2025/2026. Participante da comissão Espaço Escola FCL_BH - 2024/2025 e 2026/2027.

✉ sandrabcastro@gmail.com

17. ZILDA MACHADO

Psicóloga, especialista em Psicologia Clínica. Psicanalista. AME da Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano. Membro Fundadora do FCL de Belo Horizonte onde sustenta um seminário desde 2002. Atualmente é membra da Cleag e da CLGAL.

✉ zildamachado11@gmail.com



FÓRUM DO CAMPO LACANIANO - BH
RUA DOS AIMORÉS, 462 - SALA 510,
FUNCIONÁRIOS, CEP: 30.140-070,
BELO HORIZONTE / MINAS GERAIS /

CONTATO: (31)3287-7779 / (31) 99206-7641
CAMPOLACANIANOBH@UOL.COM.BR
WWW.FORUMDOCAMPOLACANIANOBH.COM.BR